

2013

Sinal de Contradição: é minha missão!



RAFAEL HENRIQUE GUSSO ROSADO
MAGIS 4
CVX BRASIL - SUL

RAFAEL HENRIQUE GUSSO ROSADO

SINAL DE CONTRADIÇÃO: É MINHA MISSÃO!

Trabalho apresentado à PUJ (*Pontifícia Universidad Javeriana* – Bogotá – Colômbia) para conclusão do módulo de Espiritualidade Laical do *Programa de Formação CVX Magis IV Latino América 2010-2014*, feito sob orientação da professora Andréia Cristina Serrato, Mestre em Teologia.

Curitiba – Brasil
2013

EU QUERO SER PROFETA¹

*Num mundo marcado de fome e de sede:
eu quero ser profeta. Num mundo marcado
pela injustiça: eu quero ser profeta.
Num mundo onde a palavra amor não existe,
num mundo erotizado e que explora a mulher.*

*/:EU QUERO SER PROFETA:/
SINAL DE CONTRADIÇÃO É MINHA MISSÃO.
/:DEVO PROSEGUIR:/
LUTAR... TRAVAR CRUZADAS
LEVAREI A MINHA ARMA O AMOR.
/:EU QUERO SER PROFETA:/*

*Num mundo que destrói a natureza: eu quero
ser profeta. Num mundo esperando a guerra
nuclear: eu quero ser profeta. Num mundo
onde irmão mata irmão, num mundo que
precisa aprender a ser unido.*

*Num mundo onde o egoísmo é o seu lema:
eu quero ser profeta.
Num mundo que fabrica seus
próprios ídolos: eu quero ser profeta. Num
mundo onde não há mais lugar para Deus,
num mundo que perdeu o valor do ser humano.*

http://youtu.be/UYGOvtSF_KY

Eu quero ser profeta



¹ Autor desconhecido

ÍNDICE

ÍNDICE.....	1
INTRODUÇÃO	5
1. O paradoxo em Jesus Cristo	6
1.1. Jesus, a encarnação do paradoxo	6
1.2. Contra todas as expectativas, pobre.....	7
1.3. Já e ainda não!	8
1.4. Equilíbrio ou tensão?	10
1.5. Quem quiser ganhar sua vida vai perdê-la	11
1.6. Não matar o paradoxo!.....	12
2. O paradoxo e o leigo inaciano	12
2.1. A pessoa inaciana	12
2.2. Os paradoxos da espiritualidade inaciana	14
2.3. Estar no mundo, sem sair do mundo	16
3. O paradoxo e a Comunidade de Vida Cristã (CVX).....	18
3.1. Um <i>iceberg</i> chamado missão comum	20
3.2. Não importa a que ponto chegamos, importa caminhar juntos!	25
CONCLUSÃO – SINAL DE CONTRADIÇÃO: É MINHA MISSÃO!.....	28
BIBLIOGRAFIA.....	29

INTRODUÇÃO

Muitas vezes nos deparamos em nossas vidas com situações inusitadas. Estamos acostumados com a maneira geral com que as coisas acontecem e a forma usual com que as pessoas se comportam, então quando algo de diferente acontece isso nos chama a atenção e nos faz refletir sobre como as coisas realmente são.

De alguma forma é a partir de momentos assim que a humanidade caminha. De fato a ciência está cheia de histórias de experimentos que resultaram em algo completamente diferente do esperado, e, a partir daquilo que parecia uma grande contradição, algo novo foi descoberto ou determinada técnica foi desenvolvida.

Pois bem, também a fé é marcada por paradoxos. Afinal costumamos esperar determinados comportamentos do padre, do “católico praticante”, do evangélico, da “beata”, do “crente” e assim por diante. No entanto se convivemos mais de perto com “pessoas de fé”, não é difícil percebê-las fazendo algo que nos causa algum estranhamento. Temos um exemplo vivo e forte na Igreja Católica hoje, com o Papa Francisco causando espanto com algumas de suas atitudes! Sua originalidade nos faz pensar em muitas coisas!

Este ensaio quer resgatar o paradoxo que está presente na raiz da fé cristã e mostrar como é exatamente a partir dele que os cristãos de hoje devem caminhar. Antes de continuar, porém, é importante esclarecer melhor a que me refiro quando uso a palavra **paradoxo**. Para isso quero recorrer à etimologia desta palavra, que é proveniente tanto do latim *paradoxum* quanto do grego *parádoxos*. Em qualquer dos casos, o prefixo **para** significa oposto ou diferente, enquanto o sufixo **doxa** significa opinião. Ou seja, paradoxo, na origem da palavra, significa “uma opinião diferente”.

Não há qualquer referência direta deste termo com o conceito de **verdade**, o que nos leva a concluir que basta a um paradoxo, para que seja um paradoxo, a **aparência** de contradição. Em outras palavras, temos um paradoxo sempre que nos deparamos com um acontecimento que contradiz o entendimento comum, que vai de encontro com aquilo que as pessoas em geral pensam. Ser paradoxal, portanto, não significa ser contraditório em sua essência.

Esclarecido o conceito, poderemos aplicá-lo à fé cristã. E não há outro lugar para começar que na própria pessoa de Jesus. Por isso o primeiro capítulo deste ensaio dedica-se a refletir sobre “O paradoxo em Jesus Cristo”. Ao fazê-lo, de maneira alguma quero dizer que Jesus era uma pessoa incoerente ou que seus atos contradiziam suas palavras. Ao afirmar a presença do paradoxo na pessoa de Jesus, quero antes afirmar como seu modo de agir e pensar desafiou inúmeras concepções tidas como verdade no tempo em que viveu. Compreender em profundidade este paradoxo em Jesus é chave para se compreender e viver o cristianismo hoje.

Por isso os capítulos seguintes pretendem ser uma reflexão concreta sobre a vivência deste paradoxo hoje. Por fidelidade aquilo que vivo, esta reflexão será feita com ênfase especial sobre a condição de leigo inaciano – tema do segundo capítulo deste ensaio. Finalmente, no último capítulo, lançarei olhar sobre a experiência de missão da Comunidade de Vida Cristã: como esta comunidade de leigos inacianos deixa-se interpelar e move-se adiante a partir da vivência deste paradoxo?

1. O paradoxo em Jesus Cristo

1.1. Jesus, a encarnação do paradoxo

Ainda que seja um dado exclusivo da fé, não há lugar melhor para se começar a falar do paradoxo em Jesus Cristo que a intimidade do Deus em que cremos. A Santíssima Trindade é paradoxo por excelência e origem de todos os demais paradoxos que possamos imaginar.

A doutrina oficial da Igreja, por meio do seu catecismo, nos ensina que:

*“A fé cristã crê e professa que há um só Deus. [...] Confessar que ‘Jesus é o Senhor’ é próprio da fé cristã. Isso não vai contra a fé num Deus Único. Do mesmo modo, crer no Espírito Santo, ‘que é Senhor e dá a Vida’, não introduz qualquer espécie de divisão no Deus único. [...] Mas a intimidade do seu Ser como Trindade Santíssima constitui um mistério inacessível à razão sozinha. [...] Deus é um só, mas não solitário’. ‘Pai’, ‘Filho’, ‘Espírito Santo’ não são meros nomes que designam modalidades do ser divino, porque são realmente distintos entre Si. ‘Aquele que é o Filho não é o Pai e Aquele que é o Pai não é o Filho, nem o Espírito Santo é Aquele que é o Pai ou o Filho’ [...] ‘A unidade divina é trina’. [...] ‘Por causa desta unidade, o Pai está todo no Filho e todo no Espírito Santo: o Filho está todo no Pai e todo no Espírito Santo: o Espírito Santo está todo no Pai e todo no Filho’”.*²

Não tenho a mínima pretensão de esgotar aqui, nesta breve seção, o tema da Trindade. O importante é destacar que cremos em um Deus Uno que é comunidade! Uma comunidade que estava presente desde a criação (“**Façamos** o homem à nossa imagem e semelhança”³) e que em um dado momento da história humana opta por nossa redenção (“**Façamos** a redenção do gênero humano”⁴). Deus é ao mesmo tempo criador e redentor. E opera a redenção pela própria encarnação.

Entender Jesus como a encarnação do Deus Uno e Trino já seria razão suficiente para afirmá-lo como a encarnação do paradoxo. Contudo, recorrendo a Santo Inácio de Loyola, creio que podemos ir um pouco mais fundo nessa compreensão. Inácio, em seus Exercícios Espirituais, convida-nos a contemplar a Trindade no momento em que decide pela redenção da humanidade. Vejamos o que propõe:

*“Aqui recordarei como as Três Pessoas divinas, lançando os olhos sobre toda a redondeza da terra cheia de homens, e vendo como todos se precipitavam no inferno, decretaram em sua eternidade que a segunda Pessoa da SS. Trindade se fizesse homem para salvar o gênero humano, e assim, chegada a plenitude dos tempos, o Arcanjo S. Gabriel foi enviado a N. Senhora”.*⁵

A intuição de Inácio é surpreendente e reveladora. Imaginar o Deus Trino deliberando sobre a possibilidade de salvar a humanidade nos revela que a encarnação não foi um ato autoritário de um Deus que vive só, mas sim fruto de uma decisão comunitária. Mais do que isso: o Deus onipotente quis precisar da colaboração de uma humilde jovem, Maria, que vivia em Nazaré – lugar de onde se dizia que nada de bom poderia sair.

Em síntese, Santo Inácio nos leva a compreender que Deus contempla o mundo e elabora um plano universal de salvação. E esse grande plano concretiza-se em um simples “sim” humano, encarnando em um pequeno povoado, na figura de um frágil bebê.

² Catecismo da Igreja Católica, n. 200, 202, 237, 254 e 255.

³ Gn 1, 26

⁴ SANTO INÁCIO DE LOYOLA. **Os Exercícios Espirituais de Santo Inácio**. 7ª ed. 2002, n. 107

⁵ SANTO INÁCIO DE LOYOLA. **Os Exercícios Espirituais de Santo Inácio**. 7ª ed. 2002, n. 102

Não lhes parece isso tudo surpreendente? Muitas vezes esperamos intervenções milagrosas de Deus para coisas que nem são tão importantes assim. Basta ligar a televisão em final de campeonato para ver um incontável número de pessoas às lágrimas, implorando a Deus para que desvie a bola do gol no chute do adversário. Talvez essas pessoas, se questionadas sobre o que esperariam de Deus no caso de este resolver elaborar um plano de salvação que abraçasse toda a humanidade, responderiam com algo grandioso – com imagens apocalípticas de anjos, com suas espadas de fogo descendo do céu e fazendo justiça – e que não exigisse nada delas próprias. Contudo, a resposta do Deus Trino é a encarnação do Filho, totalmente dependente do “sim” de Maria. Jesus é, portanto, a encarnação de um grande paradoxo.

1.2. Contra todas as expectativas, pobre

O povo de Israel vivia na atmosfera da espera messiânica: aguardavam a vinda de um rei glorioso, descendente de Davi, que com seu poderoso exército libertaria o povo judeu da opressão do império romano. Tratava-se muito mais de uma expectativa política, de substituição de governo, na qual os romanos seriam depostos e o Reino de Israel seria restituído.

Contudo, o entendimento que Jesus tinha do Reino era outro. Jesus nasceu longe do centro do poder – Jerusalém – e desde cedo conheceu as mazelas do seu povo, oprimido pelo Império e pela própria religião. Identificava-se com essa gente, compadecia-se dela e “anuncia o Reino de Deus como uma realidade que exige a restauração da justiça social”⁶.

Ele apresenta um espantoso resumo de suas convicções sobre o Reino no sermão da montanha, quando, pelas bem-aventuranças, revela os compromissos do Reino que veio anunciar:

“Felizes os pobres em espírito, porque deles é o Reino do Céu. Felizes os aflitos, porque serão consolados. Felizes os mansos, porque possuirão a terra. Felizes os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados. Felizes os que são misericordiosos, porque encontrarão misericórdia. Felizes os puros de coração, porque verão a Deus. Felizes os que promovem a paz, porque serão chamados filhos de Deus. Felizes os que são perseguidos por causa da justiça, porque deles é o Reino do Céu. Felizes vocês, se forem insultados e perseguidos, e se disserem todo tipo de calúnia contra vocês, por causa de mim. Fiquem alegres e contentes, porque será grande para vocês a recompensa no céu. Do mesmo modo perseguiram os profetas que vieram antes de vocês.”⁷

Jesus, neste pequeno trecho, usa as palavras “alegres”, “contentes” e “felizes”, sendo esta última repetida nada menos do que nove vezes. Está claro que para Jesus o Reino é um compromisso pela felicidade! No entanto, ainda hoje, custa-nos entender como o caminho para essa felicidade pode ser expresso por expressões como pobreza, aflição, fome, sede, perseguição, calúnia e insulto! Mas, se vamos além das aparências, torna-se impossível não encantar-se com um projeto tão radical e transformador!

Ao declarar a felicidade na pobreza de espírito, Jesus está certamente alertando que a felicidade não está em ter coisas. É verdade que precisamos de muitas delas para viver, inclusive dinheiro (especialmente no mundo de hoje!), mas o espírito pobre nos abre para a alegria da partilha. Quando o dinheiro se torna senhor de nossas vidas nos fechamos para a

⁶ PAGOLA, José Antonio. *Jesus – Aproximação Histórica*. 2ª ed. 2010, p. 138.

⁷ Mt 5, 3-12

solidariedade: o dinheiro trabalha a serviço do dinheiro e para que se tenha sempre mais. Ser pobre de espírito é colocar o outro em primeiro lugar. E é por isso também que Jesus declara a felicidade daqueles que choram. Obviamente não porque Deus nos quer ver tristes, mas porque choram aqueles que se compadecem do sofrimento alheio e, sofrendo com eles, articulam-se para construir um mundo melhor.

*“No dia em que soubermos todos chorar juntos haverá muito menos motivo para lágrimas”.*⁸

Portanto, enquanto todos esperavam um rei forte e poderoso, Jesus passa a usar dos meios mais pobres e simples para falar do Reino e se aproximar da gente que sofre. Sua autoridade não vem da força de um exército, mas do fascínio de suas palavras. Não oferece ou exige das pessoas qualquer bem material, ao contrário, aqueles que o seguem deixam tudo para trás, levam uma sandália e uma túnica e sequer têm onde repousar a cabeça. Suas convicções se espalham não pela influência de uma “doutrina oficial”, mas pelo testemunho da comunidade que se forma ao seu redor.

Pois bem, ainda haveria muito que dizer sobre o discurso de Jesus, mas, por hora, o importante é ressaltar a coerência de todo esse discurso com sua prática! Então como Jesus viveu concretamente esse discurso paradoxal do Reino?

1.3. Já e ainda não!

Para Jesus o Reino era mais do que palavras: *“O tempo já se cumpriu, e o Reino de Deus está próximo. Convertam-se e acreditem na Boa Notícia”* (Mc 1, 15); *“o Reino de Deus está no meio de vocês”* (Lc 17,21). O Reino era uma realidade **já** presente no meio do povo. Com seus gestos Jesus ia espalhando a fé em um Deus que é Pai e sua fama crescia por toda a parte. Um episódio bastante relevante acontece nesse momento em que sua popularidade quase que foge ao seu controle: o milagre da multiplicação dos pães. Vejamos o relato:

“Os apóstolos se reuniram com Jesus e contaram tudo o que haviam feito e ensinado. Havia aí tanta gente que chegava e saía, a tal ponto que Jesus e os discípulos não tinham tempo nem para comer. Então Jesus disse para eles: “Vamos sozinhos para algum lugar deserto, para que vocês descansem um pouco”. Então foram sozinhos, de barca, para um lugar deserto e afastado. Muitas pessoas, porém, os viram partir. Sabendo que eram eles, saíram de todas as cidades, correram na frente, a pé, e chegaram lá antes deles. Quando saiu da barca, Jesus viu uma grande multidão e teve compaixão, porque eles estavam como ovelhas sem pastor. Então começou a ensinar muitas coisas para eles. Quando estava ficando tarde, os discípulos chegaram perto de Jesus e disseram: “Este lugar é deserto e já é tarde. Despede o povo, para que possa ir aos campos e povoados vizinhos comprar alguma coisa para comer”. Mas Jesus respondeu: “Vocês é que têm de lhes dar de comer”. Os discípulos perguntaram: “Devemos gastar meio ano de salário e comprar pão para dar-lhes de comer?”. Jesus perguntou: “Quantos pães vocês têm? Vão ver”. Eles foram e responderam: “Cinco pães e dois peixes”. Então Jesus mandou que todos se sentassem na grama verde, formando grupos. E todos se sentaram, formando grupos de cem e de cinqüenta pessoas. Depois Jesus pegou os cinco pães e os dois peixes, ergueu os olhos para o céu, pronunciou a bênção, partiu os pães e ia dando aos discípulos, para que os distribuíssem. Dividiu entre todos também os dois peixes. Todos comeram, ficaram

⁸ Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil. **Solidariedade e Paz**: texto-base CF-2005 Ecumênica. 1ª ed. 2005, p. 97.

*satisfeitos, e recolheram doze cestos cheios de pedaços de pão e também dos peixes. O número dos que comeram os pães era de cinco mil homens. Logo em seguida Jesus obrigou os discípulos a entrar na barca e ir na frente para Betsaida, enquanto ele despedia a multidão. Logo depois de se despedir da multidão subiu ao monte para rezar”.*⁹

Essa situação nos ensina muito sobre como Jesus lidou com o paradoxo do Reino. Em primeiro lugar, é evidente a preocupação de Jesus com o outro. Veja que a passagem começa com os discípulos contando o que haviam feito e ensinado, o que sugere que estavam chegando de alguma atividade missionária (no versículo 7 do mesmo capítulo 6, pouco antes da narrativa deste episódio, Jesus chama os discípulos e os envia dois a dois). Jesus percebe o cansaço destes discípulos e, diante da gente que chegava e saía – mal dando tempo para que pudessem se alimentar –, convida-os a se retirar e descansar. Contudo, uma grande multidão os seguiu. Então Jesus ensina que não podemos esperar que todas as nossas necessidades estejam sanadas para ajudar o outro. Esperar que todos os nossos problemas sejam resolvidos para dar atenção ao pobre é ilusão e auto-engano. Por isso esquece o descanso e preocupa-se em dar de comer para esse povo.

Esse é o segundo ponto: o milagre. Longe de querer entrar em uma discussão, gosto da concepção dos exegetas que não vêem na multiplicação dos pães nada de sobrenatural, “apenas” o milagre da partilha. Era natural que entre a multidão houvesse aqueles que se preocuparam em levar algo para se alimentar; aqueles que até se preocuparam, mas que não tinham nada; aqueles que levaram um pouco a mais, pensando que as crianças sempre sentem fome... O que não era esperado era dividir isso com desconhecidos! O milagre que Jesus fez foi tomar o pouco que tinha – dar graças a Deus por esse pouco – e começar a dividir com os demais. Sua atitude certamente questionou e motivou os demais, que também começaram a por em comum o pouco que tinham. E o que acontece quando todos colocam em comum o que têm? Não falta nada para ninguém! Todos ficam saciados e ainda sobra! Jesus, com seu gesto, nos dá uma lição para toda a vida: colocar tudo o que temos e tudo o que somos a serviço do outro. É a solidariedade como o caminho da felicidade!

Mas há sempre o perigo de ser mal interpretado. Jesus sabia que aquela gente vivia a espera de um messias e certamente percebeu que aquela multidão estava a ponto de proclamá-lo rei. E não seria bom isso? Jesus, com seus milagres, não queria que as pessoas acreditassem que ele era o Filho de Deus e assim dessem atenção ao que ele dizia? No entanto Jesus foge de ser “coroad”, obriga seus discípulos a ir embora, mostrando que saíram quase que às pressas. Não parece isso tudo contraditório?

A verdade é que Jesus sabia o tipo de rei que aquelas pessoas queriam: um chefe militar! E naquele momento, com tantas pessoas reunidas, quase se formava um exército. Definitivamente não era esse messias que Jesus queria ser. Por isso **ainda não** era hora de ser proclamado rei! Sob o risco de afastar-se da sua missão, Jesus imediatamente deixa o local e sobe o monte para rezar. Ele sabe que a missão não é sua, mas do Pai que o enviou, por isso, diante da tentação, busca colocar-se na presença d’Ele. Jesus vive para a missão. Colocar a missão no centro de tudo é o que faz Jesus se aproximar da multidão, mas também se afastar dela.

⁹ Mc 6, 30-45

1.4. Equilíbrio ou tensão?

O centro da vida de Jesus era a missão. É preciso compreender que essa “simples” convicção colocava Jesus em inúmeras situações conflitivas, situações que exigiam uma tomada de postura, uma decisão. Em uma dessas situações Jesus nos deixa uma lição valiosa:

“Os fariseus ouviram dizer que Jesus tinha feito os saduceus se calarem. Então eles se reuniram em grupo, e um deles perguntou a Jesus para o tentar: ‘Mestre, qual é o maior mandamento da Lei?’ Jesus respondeu: ‘Ame ao Senhor seu Deus com todo o seu coração, com toda a sua alma, e com todo o seu entendimento. Esse é o maior e o primeiro mandamento. O segundo é semelhante a esse: Ame ao seu próximo como a si mesmo. Toda a Lei e os Profetas dependem desses dois mandamentos’.”¹⁰

Trocando em miúdos, Jesus não faz distinção entre o amor a Deus e o amor ao próximo. Ou ainda, em outras palavras, Jesus não aceita limitar a missão em nome do culto ao Pai.

As pessoas religiosas no tempo de Jesus prezavam muito pelos rituais, em especial aqueles relacionados à pureza. Acreditavam que somente assim poderiam colocar-se na presença de Deus. Por isso, viviam em função de estar puros e obedecer à Lei.

Jesus, como homem religioso, certamente conhecia a Lei e seus rituais. E como pregador público, seria natural que, para “invocar autoridade”, seguisse tais normas à risca. Mas Jesus era diferente. Ele era sim religioso, participava da vida do templo, contudo não aceitava que rituais pudessem preceder em importância o atendimento às necessidades do outro.

Por isso diante da fome ele colhia alimentos em pleno sábado; por isso diante da rejeição ele sentava-se à mesa com pobres, prostitutas e pecadores; por isso diante do sofrimento tocava nos doentes; enfim, por isso causava escândalo! Mas, mais do que isso, Jesus acabava por minar na base os dois pilares que sustentavam a sociedade do seu tempo. Afinal, com suas atitudes ele desafiava, em primeiro lugar, as autoridades religiosas, pois todo o discurso da pureza ia por água abaixo: Jesus não só não se tornava impuro tocando nos pecadores como os purificava! Era como se os milagres que realizava fossem provas de que Deus consentia com seu comportamento! Isso devolvia a esperança ao povo, que passava a acreditar em uma vida melhor, a querer sair da postura de resignação e a lutar contra toda forma de opressão. Isso, obviamente, desafiava as autoridades do império romano, o segundo pilar da sociedade.

Não é difícil imaginar como isso pouco a pouco foi conduzindo Jesus à cruz. A **tensão** entre sua forma de agir e pensar e a forma como a sociedade estava estabelecida culminou em perseguição e morte. Veja que não falamos em **equilíbrio**. Jesus não procurou um meio termo entre o que a sociedade pensava e suas convicções. Em momento algum quis agradar as autoridades religiosas ou do Império pensando em “ganhar pontos” que amenizassem conflitos mais adiante.

Exatamente por querer viver de forma autêntica sua fé, Jesus vai de encontro com o que dizem as autoridades religiosas. É exatamente para mostrar a verdade do seu amor por Deus que Jesus transgredir as normas. É por fidelidade à missão que Jesus vive em constante atrito com a religião oficial. Tiramos daí um grande ensinamento: a virtude não está em encontrar um equilíbrio entre o amor a Deus (vivido na religião oficial, com seus cultos, orações e rituais) e o amor ao próximo (vivido na solidariedade). A virtude está em “abraçar a tensão”, em viver as duas realidades sem distinção, como uma só!

¹⁰ Mt 22,34-40

1.5. Quem quiser ganhar sua vida vai perdê-la

O projeto de vida de Jesus era muito ousado. Em certa ocasião, na sinagoga de Nazaré, declarou: "O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me consagrou com a unção, para anunciar a Boa Notícia aos pobres; enviou-me para proclamar a libertação aos presos e aos cegos a recuperação da vista; para libertar os oprimidos, e para proclamar um ano de graça do Senhor" ¹¹. Como já vimos, Jesus viveu em função desta missão e sua fidelidade a ela terminou na cruz. Diante do fim fica a pergunta: Jesus conseguiu? Valeu a pena dedicar a vida à causa do Reino?

Definitivamente, do ponto de vista humano, Jesus foi um completo fracasso. Não curou a todos os doentes, não libertou o povo da opressão do Império Romano, não eliminou as desigualdades, nenhum líder político ou religioso acreditou nele, o povo que tanto amou no final continuava querendo um messias Rei – sem falar que facilmente se deixou conduzir para condená-lo e libertar Barrabás – e, finalmente, seus discípulos o abandonaram perplexos, sem entender nada. Depois do seu último suspiro a história seguiu seu curso, como se nada tivesse acontecido.

Sem dúvidas este desfecho nos desinstala. Um Deus que se deixa morrer crucificado vai contra qualquer idéia de Deus que o homem ousou formular. Você já parou de verdade para pensar que é que isso significa? Se Deus dá sentido a tudo que existe, inclusive a nós mesmos, e de repente esse Deus é crucificado, isso é uma revolução! Isso nos obriga a rever, a repensar, a conhecer de novo o que é a vida. Essa concepção absurda de Deus nos faz questionar quem realmente somos nós!

"Com a Cruz, ou termina a nossa fé em Deus, ou nos abrimos a uma compreensão nova e surpreendente de um Deus que, encarnado no nosso sofrimento, nos ama de forma incrível".¹²

Não vivemos a vida como que observados por um Deus distante e que tudo pode. Ao contrário, na cruz nos vemos diante de Deus impotente e humilhado, que sofre como nós. Vivemos, pois, acompanhados de perto por um Deus que nos ampara. Deus não é aquele que resolve magicamente nossos problemas, mas aquele que se junta a nós para sofrer conosco.

Temos muita dificuldade de nos identificarmos e de querermos seguir um Deus assim. Afinal, segui-lo é, de alguma maneira, optar pelo fracasso. Estamos prontos para sermos ridicularizados e apontados como perdedores pelas ruas? Estamos prontos para sermos comparados com aqueles que "vencem na vida" e conquistam muito prestígio? Estamos preparados para trabalhar duro e não colher os frutos?

Diante do Cristo crucificado nos deparamos com nossa grande fraqueza e fica muito difícil não desanimar... Contudo, nosso Deus não para de nos surpreender! Com a ressurreição de Jesus, Deus nos mostra que a morte não tem a última palavra, mas a vida! E se ele ressuscitou, é através de nós que sua presença viva deve fazer-se sentir por aqueles que sofrem. Nós somos chamados a ser a presença de Deus na vida dos pobres, marginalizados e oprimidos de hoje. É uma lógica que nos custa compreender, mas dar a vida pelo outro é encontrar a vida verdadeira.

"Se alguém quer me seguir, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz, e me siga. Pois, quem quiser salvar a sua vida, vai perdê-la; mas, quem perde a sua vida por causa de mim, vai encontrá-la".¹³

¹¹ Lc 4, 16-21

¹² PAGOLA, José Antonio. **O caminho aberto por Jesus**. Petrópolis: Vozes, 2012.

1.6. Não matar o paradoxo!

Certamente poderíamos explorar muitos outros paradoxos na vida de Jesus. Talvez um olhar mais detalhado sobre sua natureza dual: “completamente humano e completamente divino”; ou ainda o mandamento de amar os inimigos; também a questão do poder como serviço; ou ainda sua alegria sem perder a seriedade. Contudo, acredito que pude apresentar os elementos mais decisivos para o desenrolar deste ensaio.

Além disso, sem dúvida, o mais importante é perceber que sem o paradoxo, não há Jesus! Sem paradoxo, sua mensagem é vazia! Portanto, ser cristão é assumir para si este paradoxo. Da mesma forma que o próprio Jesus: até as últimas conseqüências.

No entanto assumir o paradoxo hoje não é o mesmo que no tempo de Jesus. E mesmo hoje, assumi-lo não é o mesmo para todos. Fica fácil de compreender se olharmos para o paradoxo no próprio Jesus: teve origem na sua natureza de pessoa divina e ganhou contornos bastante específicos em função do local onde nasceu, da sua família, da sua religião, entre muitos outros. Enfim, o paradoxo está ligado à própria identidade de Jesus.

Portanto, para refletir sobre o paradoxo hoje, precisamos olhar para nossa identidade. Esse é um imenso universo, mesmo se olharmos apenas para a Igreja Católica. Por isso na seqüência vou restringir a reflexão sobre minha identidade: a de um **leigo inaciano**, membro da **Comunidade de Vida Cristã (CVX)**.

2. O paradoxo e o leigo inaciano

Há muitas maneiras de se seguir a Jesus Cristo. Essas maneiras levam consigo inúmeros traços comuns, mas também especificidades, que não as tornam melhores ou piores do que outras, apenas diferentes. O mais importante é viver a forma escolhida com fidelidade e com profundidade.

Algumas pessoas o fazem de maneira tão intensa que se tornam referência, modelos para que outros possam também seguir a Jesus Cristo. Nesse capítulo vamos nos dedicar à maneira de Inácio de Loyola: como uma pessoa inaciana é chamada a viver o paradoxo de Jesus hoje?

2.1. A pessoa inaciana

Talvez, antes de começar a responder a pergunta com que abri este capítulo, seja importante alguns esclarecimentos sobre a “pessoa inaciana”. Quem é ela afinal?

Se a resposta tivesse que ser dada em poucas palavras, sem dúvida diria: a pessoa inaciana é aquela que encontrou nos Exercícios Espirituais de Santo Inácio sua “fonte específica” e seu “instrumento característico” para o seguimento de Jesus Cristo¹⁴. De fato não se pode falar – e tampouco viver – de espiritualidade inaciana sem referência a estes exercícios.

Podemos dizer, portanto, que o essencial para o inaciano é **experimentar**. É a partir da experiência de Deus nos Exercícios (e da experiência de Deus na vida trazida para os Exercícios)

¹³ Mt 16, 24-25

¹⁴ “Fonte específica” e “instrumento característico” são expressões que aparecem no **Princípio Geral 5** da Comunidade de Vida Cristã, exatamente ao referir-se à Espiritualidade Inaciana.

que nascem os traços fundamentais da pessoa inaciana. Segundo Cabarrús¹⁵, são sete estes traços:

1. **Ser companheiro de Jesus.** O inaciano nunca vive isolado: vê nas outras pessoas a extensão de sua relação com Jesus, experimentado nos exercícios como amigo.
2. **Ser apaixonado pela missão.** O inaciano não faz coisas só porque são boas, mas porque acredita que a tarefa de mudar o mundo para constituir o Reino é possível. Dedicar-se àquilo que os outros não podem ou não querem fazer, tendo sempre como critério de escolha para suas atividades apostólica o “bem mais universal”.
3. **Buscar a maior glória de Deus.** O inaciano não busca ser bom, mas o melhor, o mais profundo, a fazer aquilo que traz mais vida. Isso se manifesta em uma espiritualidade mais ética do que cultural: vincula-se com obras de incidência política e que sirvam às pessoas “estruturalmente”. Embora esteja e viva no comum, a pessoa inaciana não pode ser comum.
4. **Conviver com paradoxos.** Os Exercícios ensinam o inaciano a “não amedrontar-se diante do maior e, no entanto, se ajustar ao menor”¹⁶ ou ainda a “fazer todas as coisas como se dependessem de nós, sabendo que, em definitivo, dependem de Deus”¹⁷. Este traço costuma fazer o inaciano abraçar tarefas que soam contraditórias em si mesmas.
5. **Ter experiência em um tipo específico de oração.** A oração inaciana é concatenada: a atual sempre prepara a próxima. Ela exercita a meditação, mas também a sensibilidade e a intuição. Por isso privilegia o corpo e o movimento, além de ser sempre contextualizada. Converte para que a forma como nos comportamos em oração seja assimilada como estilo de vida.
6. **Caminhar superando etapas.** A espiritualidade inaciana é dinâmica e processual, por isso aquele que a vive não apresenta todos estes traços em profundidade imediatamente. O estilo vai sendo pouco a pouco incorporado pela pessoa, em um processo gradual e, de preferência, com etapas bem marcadas e definidas.
7. **Viver em espírito de discernimento.** O inaciano sabe que seu coração é um “campo de batalha” e leva a sério o que acontece na vida: dá nome aos “movimentos internos”, descobrindo aqueles que o aproximam e aqueles que o afastam de Deus. Vive em constante discernimento, ou seja, em atenção permanente a esses movimentos para poder realizar sempre a vontade de Deus.

É natural que se nos perguntamos “onde estão estes inacianos”, que nossa resposta nos leve imediatamente para os jesuítas. Afinal a Companhia de Jesus é a ordem religiosa criada pelo próprio Santo Inácio e em cujas Constituições encontramos uma das mais ricas fontes do seu pensamento.

¹⁵ CABARRÚS, Carlos Rafael. **La Espiritualidad Ignaciana, es laical** - Apuntes sobre “ignacianidad”. ICE. Guatemala, março de 2000.

¹⁶ Frase de um jesuíta anônimo em um poema dedicado a Santo Inácio por ocasião de sua morte.

¹⁷ Santo Inácio de Loyola.

Porém, engana-se aquele que acredita que a vida religiosa é requisito para ser inaciano. Inácio não era Santo (e nem Inácio!¹⁸) quando levou um tiro de canhão e, convalescendo em Manresa, iniciou seu processo de conversão. Os Exercícios Espirituais são uma experiência que Inácio viveu e sistematizou sendo leigo! E foi também como leigo que começou a pregá-los e a agregar os companheiros que, mais tarde, viriam a dar origem à Companhia. Ou seja, é possível encontrar pessoas autenticamente inacianas entre religiosos, mas é natural e esperado que também as encontremos entre leigos!

“A Companhia de Jesus dá um modelo de como se torna corpo um carisma, mas não o esgota, por princípio. O carisma inaciano pode ser vivido - e é vivido - em pessoas e em instituições não jesuítas, com pleno direito”.¹⁹

E da mesma forma que falamos em distintas formas de seguir a Jesus, podemos identificar distintas formas de ser inaciano. É verdade que em todas elas aqueles sete traços devem estar presentes, contudo cada um deles pode ganhar mais acento e até contornos especiais em determinadas formas. Isso também não faz uma melhor que a outra, apenas as faz diferentes.

E eu acredito que um dos grandes diferenciais em ser inaciano **leigo** esteja no quarto traço: **conviver com paradoxos**. Não que religiosos não convivam com eles, absolutamente. Porém este traço ganha uma ênfase especial na vida do leigo inaciano hoje: sua espiritualidade o chama a cada vez mais aproximar-se das fronteiras e dos pobres, no entanto ele não pode se descuidar de sua família, assegurando-lhe inclusive recursos econômicos. Por isso vou me permitir não aprofundar os demais traços para me debruçar especificamente sobre este da convivência com paradoxos.

2.2. Os paradoxos da espiritualidade inaciana²⁰

A pessoa que decide aventurar-se pelos Exercícios Espirituais é obrigada, desde o princípio, a conviver com paradoxos. Vejamos os principais, enumerados por Codina em seu artigo *La paradoja ignaciana*:

- Há uma insistência de que Deus se comunica de modo direto e imediato com o exercitante. Contudo, fazer os Exercícios, implica que outro esteja disposto a dá-los e disposto também a ajudar no discernimento, ensinando as regras adequadas para isso;
- Há uma tensão constante entre buscar o maior serviço e a maior glória de Deus e o desejo de se parecer cada vez mais com o Cristo pobre e humilde;
- A indiferença é condição necessária para a pessoa buscar e encontrar a vontade de Deus. Contudo a eleição aparece como dom e graça, movendo a própria vontade;
- Fala-se do Reino de Cristo e do seu projeto de conquistar o mundo, ao mesmo tempo em que se pede passar por injúrias e humilhações no seguimento de Jesus pobre;
- Fala-se em desejar ser tomado por vão e louco por Cristo, mas se exige a discreta caridade;

¹⁸ O nome de batismo de Santo Inácio de Loyola era **Íñigo López**, e era dessa maneira que ele era conhecido e se apresentava as pessoas quando fez a experiência dos Exercícios e começou a pregá-los.

¹⁹ CABARRÚS, Carlos Rafael. **La Espiritualidad Ignaciana, es laical** - Apuntes sobre “ignacianidad”. ICE. Guatemala, março de 2000.

²⁰ CODINA, Víctor. **La paradoja Ignaciana**. Revista Manresa, Vol. 61, 1991.

- Fala-se do Reino em todo o processo dos Exercícios, e não da Igreja. No entanto, colocam-se exatamente as "regras para sentir com a Igreja" para aquele que chega ao final do processo;
- Confia-se plenamente no Espírito para as eleições. Contudo busca-se confirmação na razão e no discernimento das moções internas;
- Deus parece algo transcendente, e até distante, como a "Divina Majestade" do Princípio e Fundamento. Por outro lado revela-se na ingenuidade das contemplanções da infância de Jesus;
- Por um lado parece uma espiritualidade mística. Por outro está aberta ao mundo e ao compromisso com a história;
- Quer formar pessoas contemplativas na ação. Isto é, mostra que buscar e encontrar a Deus em todas as coisas não nega a oração formal, mas a relativiza, potencializando a importância do discernimento.

Certamente os itens acima elencados causam algum estranhamento – e até uma grande interrogação – para quem não está familiarizado com os Exercícios e com a sua linguagem, que é bastante particular. No entanto, mesmo aquele que já pratica os Exercícios, costuma em algum momento mostrar dificuldades.

De fato, custa-nos muito captar que tudo depende de uma missão que é maior que nós, maior que nossa família, maior que nossa comunidade, maior que a Igreja! Custa-nos captar que tudo depende do discernimento e que não podemos ceder à tentação de buscar as respostas concretas mais fáceis. Custa-nos captar que esse discernimento não encontrará um fim nunca! Custa-nos resistir à tentação de ficar esperando que alguém nos diga o que fazer!

"O carisma inaciano é difícil de captar e mais ainda de viver. [...] Surpreende por sua universalidade [...] e por sua falta de concretização".²¹

Em outras palavras, do inaciano não se espera nada, mas se espera tudo! Há entre nós catequistas, ministros da eucaristia, acompanhantes espirituais, políticos, educadores, pais e mães de família, teólogos, cuidadores de idosos e até missionários na Amazônia, entre muitos outros exemplos. E ao mesmo tempo em que realizamos todas estas tarefas, nenhuma delas é própria ou específica do carisma inaciano.

"Podemos qualificar o carisma inaciano como paradoxal. [...] Não é isto ou aquilo, mas sim isto e aquilo também. Sua definição é não poder definir-se".²²

O grande dano que essa falta de definição pode provocar é a tentação de eliminar a tensão, ou seja, a tentação de se dizer a priori o que um inaciano deve fazer. Pois é exatamente da tensão provocada pelos Exercícios Espirituais que nascem as tarefas concretas. É essa tensão que leva o inaciano às fronteiras, a assumir aquela tarefa que ninguém mais quer fazer. É essa tensão que faz com que de um inaciano se espere tudo!

"Eliminar [as tensões] seria destruir a essência do carisma inaciano. O que para alguns representa uma falta de identidade constitui, no fundo, a identidade mais profunda do carisma inaciano".²³

²¹ CODINA, Víctor. **La paradoja Ignaciana**. Revista Manresa, Vol. 61, 1991.

²² CODINA, Víctor. **La paradoja Ignaciana**. Revista Manresa, Vol. 61, 1991.

²³ CODINA, Víctor. **La paradoja Ignaciana**. Revista Manresa, Vol. 61, 1991.

Acredito que já está claro como o paradoxo é essencial para o inaciano. Ele faz parte da nossa identidade! Brota da experiência fundamental dos Exercícios Espirituais, nos quais nos deparamos com a natureza paradoxal do nosso Deus mesmo, Uno e Trino, divino e humano na pessoa de Jesus. Descobrir o paradoxo de Jesus na própria vida, através dos Exercícios, é o que move o inaciano adiante, é o que o faz assumir tarefas concretas, fazendo do paradoxo história. Nós somos o paradoxo encarnado hoje.

2.3. Estar no mundo, sem sair do mundo

Abri este capítulo com a pergunta: “como uma pessoa inaciana é chamada a viver o paradoxo de Jesus hoje?”. Creio que a partir do que vimos podemos tentar sistematizar uma resposta. Quero tomar como ponto de partida a própria pessoa de Inácio, por isso veja as seguintes palavras de Victor Codina:

“A vida de Inácio está cheia de paradoxos e aparentes contradições. [...] Existe uma tensão permanente entre Iñigo e Inácio. [...] Sem Iñigo, o carisma inaciano degenera em maquiavelismo, [...] hipocrisia e falsidade. Porém sem Inácio, a Companhia de Jesus não seria o que é, não teria alma, não seria o grupo de [...] companheiros de Jesus, a serviço do Reino, na Igreja. [...] Se articulam nele dialeticamente Reino e Igreja, Jerusalém e Roma, Criador e Redentor, ação e contemplação, Espírito e encarnação, carisma e instituição, confiança e trabalho, silêncio e palavra. [...] É a dialética de união sem confusão, sem separação, nem divisão, mas de vivência a partir da mística do serviço e da cruz”.²⁴

Inácio não escolheu fugir do mundo. No seu tempo era muito comum que as pessoas que escolhessem dedicar suas vidas a Deus fossem a um lugar isolado, um mosteiro, por exemplo, onde fizessem um voto de silêncio para dedicar o restante dos seus dias à oração e à contemplação. Inácio escolheu sim dedicar sua vida a Deus, mas sem sair do mundo. Assumiu as limitações e condicionamentos que a vida lhe impôs, sem reclamar. Dentre as mais conhecidas, abandonou seu desejo antigo de ir à Jerusalém e aceitou o cargo de Geral da Companhia, “condenando-se” a viver em Roma. Não passou a vida “maldizendo” a Deus por isso, ao contrário, encontrou no local – a princípio indesejado – e na função – também a princípio indesejada – a chance de prestar “o maior serviço” a Deus. Não caiu na dicotomia “Jerusalém é boa, Roma é má; ser um missionário peregrino vem de Deus, ser o Geral da companhia é tentação do mau espírito”. Inácio soube encontrar a Deus em todas estas coisas e, partir daí, fez de todas elas instrumentos para a construção do Reino. Viveu a mística da cruz, pois, deixando desejos antigos para trás, encontrou o sentido da própria vida.

E nós hoje, que resposta devemos dar? Certamente somos também chamados a “estar no mundo, sem sair do mundo”. A vida hoje segue nos impondo uma série de limitações e condicionamentos. Talvez essa seja uma tradução grosseira, ou até um reducionismo, mas diria que o grande limitador da vida hoje, aquilo que condiciona o que as pessoas fazem do momento em que se despertam ao que se deitam, é o aspecto econômico. Tudo gira em torno do mercado e do dinheiro. Mercantiliza-se a alimentação, a diversão, a saúde, a segurança, o sexo, a educação e tudo o que possamos imaginar. Tudo tem um valor comercial e a pessoa, por sua vez, só tem valor se é uma consumidora em potencial. O valor da pessoa está fortemente ligado ao **ter**, as suas posses materiais. Interessa o que **eu** tenho, por isso este é um mundo cada vez mais individualista. E nós sabemos que o excesso de riqueza de um lado,

²⁴ CODINA, Víctor. **La paradoja Ignaciana**. Revista Manresa, Vol. 61, 1991. pg. 277

sempre gera o excesso de pobreza do outro. Para um ganhar, outro deve perder, e por isso nos deparamos com um mundo tão desigual.

Pois bem, é exatamente de dentro deste mundo que somos chamados a proclamar a presença de Deus em todas as coisas. O inaciano não pode jamais declarar o mundo como inimigo, ameaça que precisa ser aniquilada, obstáculo para a presença de Deus. Ao contrário, é de dentro dessa lógica tortuosa que devemos declarar o mundo como o lugar privilegiado da Sua presença, lugar de oferta generosa das nossas vidas.

É daí que nasce a missão do leigo inaciano. Não podemos simplesmente negar o mundo. Como qualquer pessoa precisamos trabalhar. E nossos trabalhos são os mais comuns, os mesmos a que se dedicam os não crentes. Nossos filhos também nascem e crescem no mundo. Precisam estudar, precisam se divertir, precisam se alimentar. E também fazem isso tudo nos mesmos lugares que qualquer pessoa comum. Como leigos, estamos especialmente envolvidos no mundo, tal qual ele é. Não temos para onde fugir.

Nosso grande desafio está então em fazer como Inácio: saber encontrar a Deus em cada coisa que nos cerca. Quando isso acontece, então somos capazes de fazer destas coisas instrumentos para a construção do Reino. Não podemos perder tempo lutando contra coisas que já estão aí. Demonizar o dinheiro, as novas técnicas, os avanços científicos, não leva a lugar algum. Façamos disso tudo oportunidade para o encontro com Deus.

Tenho a nítida impressão de estar falando algo demasiado abstrato. A dificuldade em concretizar é porque a vida de cada pessoa é única, e o centro do desafio está exatamente naquelas tarefas diárias que parecem ser as mais banais. As oportunidades de encontrar a Deus estão no cotidiano de cada pessoa. Então responder a pergunta “qual a contribuição exata que posso dar ao projeto de Deus como leigo inaciano?” é algo que somente a pessoa pode responder.

Contudo, nosso modo de proceder tem traços bastante específicos que nos ajudam com algumas pistas. Aliás, o modo de proceder em si já é uma resposta. Nesse mundo onde tudo acontece tão rápido e onde o desejo do dinheiro faz as pessoas caírem em ativismos (estamos sempre trabalhando ou estudando para nos mantermos competitivos!), o inaciano encontra espaço para a escuta gratuita de Deus. É verdade que nós também precisamos trabalhar, estudar e se atualizar, e não deixamos de fazer isso. Mas dedicamos parte preciosa de nosso tempo a uma atividade nada rentável: o encontro com Deus na oração. Paramos a correria do dia-a-dia para “descobrir a novidade que Deus nos oferece hoje, para acolhê-la e para nos comprometermos com ela”²⁵.

Em outros termos, fazemos tudo o que as pessoas comuns fazem, mas nossa motivação é outra. No centro das nossas vidas não está o desejo de ter sempre mais, mas o compromisso com a novidade de Deus acolhida em oração.

“Não há nada mais prático que encontrar a Deus. Na verdade, encontrá-Lo é enamorar-se completamente e não olhar para traz. Aquele de quem te enamora, arrebatava tua imaginação e envolverá todo o teu ser. Determinará o que fazes ao levantar pela manhã, o que farás com teus entardeceres, como passarás teus finais de semana, o que lês, quem conheces, o que te irrompe o coração e o que te enche de súbito com alegria e agradecimento. Enamora-te, permanece enamorado e isso decidirá tudo em ti.”²⁶

²⁵ BUELTA, Benjamín González Buelta. **Tiempo de Crear** – Polaridades evangélicas. 2009.

²⁶ Pe. Pedro Arrupe, SJ

Antes de tudo, é missão do leigo inaciano viver nesse mundo como um enamorado por Jesus Cristo. Mesmo que o mundo nos diga que o que importa é o “eu”, somos chamados a descobrir e proclamar o valor do outro. O mundo nos leva a acreditar que estamos desperdiçando nossa vida se não vivemos o prazer imediato, se não temos o carro do ano, se o nosso celular não é o topo de linha, se não temos um cargo importante, e muitos outros. Mas, como enamorados de Jesus, somos chamados a viver a mística da cruz e a descobrir que desperdiçar a vida com o próximo é exatamente encontrá-la.

O leigo inaciano vive uma tensão permanente entre a preocupação consigo e a preocupação com o outro. Para sobreviver nesse mundo não pode se descuidar do eu. Por mais contraditório que pareça, deve estar preparado para a competição. Mas sua espiritualidade exige dar atenção ao outro e pede respostas criativas nas mais variadas situações.

“Não é tempo de queixar-se, nem de tentar recuperar espaços e prestígios do passado, nem de nos evadirmos em espiritualidades que nos distanciem do real, nem de nos diluirmos em atividades frenéticas, nem de nos armarmos com fundamentalismos defensivos. É tempo de criar as novas propostas de Deus”.²⁷

Sem criatividade corremos o risco de ficar no campo das respostas fáceis, aquelas que eliminam a tensão. Por isso é pelo campo das respostas criativas, da novidade que Deus suscita em nós, que gostaria de prosseguir. Para isso vou partir da experiência de missão da Comunidade de Vida Cristã (CVX).

3. O paradoxo e a Comunidade de Vida Cristã (CVX)

“Ser companheiro de Jesus”. Assim definimos o primeiro traço da pessoa inaciana, para dizer que elas nunca estão sozinhas. A CVX é exatamente uma comunidade de leigos inacianos: uma comunidade mundial que se organiza em pequenos grupos de amigos no Senhor.

Mas para que se reúne toda essa gente? Para que se esforçam em manter uma estrutura mundial? A resposta é simples: **para a missão**. Segundo Mesters, “a missão é a natureza da comunidade, portanto a comunidade cristã ou é missionária ou não é comunidade cristã”²⁸. Isso obviamente também vale para a CVX, ou seja, ela existe para a missão! Quando essas pessoas se reúnem e decidem não designar-se uma Congregação, um Movimento, uma Associação, uma Federação, um Grupo de Oração, ou qualquer outra denominação, mas decidem por designar-se uma **Comunidade**, definitivamente elas estão optando por colocar a missão como o centro de sua vida!

Mas ainda permanece a dúvida sobre a organização mundial e a sua estrutura. Ela é mesmo necessária? Não pode o cristão simplesmente servir à sua comunidade paroquial? Sim! É claro que pode. E, de fato, muitos cristãos o fazem. O que quero reforçar é que é típico do inaciano buscar “a união de corações”. Veja o exemplo do próprio Santo Inácio: certamente após a sua conversão ele poderia ter optado por ser um padre diocesano, dedicando sua vida a uma comunidade paroquial, na qual poderia dar seus Exercícios a um bom número de pessoas, que certamente também se engajariam em atividades apostólicas. Alguém se atreveria a dizer que ele não teria cumprido a sua missão? Essa seria certamente uma **comunidade de apóstolos**.

²⁷ BUELTA, Benjamín González Buelta. **Tiempo de Crear** – Polaridades evangélicas. 2009.

²⁸ MESTERS, Carlos. **Com Jesus na Contramão**. 15ª ed. São Paulo: Paulinas, 2010, p. 79.

Mas Inácio não queria uma comunidade de apóstolos. Queria uma Comunidade Apostólica. Acreditava que o todo é maior do que a soma das partes. Acreditava que a amizade nascida da experiência dos Exercícios poderia reunir pessoas em torno de uma missão comum, mais universal. Um verdadeiro **Corpo Apostólico**, no qual cada pessoa seria como um membro, contribuindo com atividades diversas para um objetivo comum. O resultado disso foi a maior e mais influente ordem religiosa que a Igreja já viu!

Podemos fazer uma analogia dessa experiência com a CVX: seus membros reúnem-se e formam uma comunidade porque acreditam que dessa forma podem realizar um bem mais universal. Nossa comunidade quer ser um corpo apostólico laical em missão no mundo!

*“A missão comum da CVX é a missão a que é enviada por Cristo como associação da Igreja. Esta missão é a resposta que a CVX se sente chamada a dar às grandes necessidades e aspirações do mundo de hoje; é sua forma de anunciar a Boa Nova do amor de Deus no momento histórico atual. A missão comum concretiza-se em determinadas prioridades apostólicas e linhas de ação. Isso não significa que na CVX todos façam a mesma coisa. Os trabalhos apostólicos podem ser diversos, mas a missão é comum, não só por origem, mas também por sua orientação. Todos, de diferentes maneiras, promovem os mesmos valores e contribuem para a realização de objetivos e prioridades comuns”.*²⁹

Recentemente, em agosto de 2013, a Assembleia Mundial da CVX reuniu-se em Beirute, no Líbano, e elegeu quatro prioridades apostólicas para nossa comunidade pelos próximos cinco anos: Família, Globalização e Pobreza; Ecologia; Juventude. O documento desta Assembleia dá inclusive orientações para a ação em cada uma destas áreas!

Ora, diante disso tudo, pode surgir a pergunta: mas a condição de leigo já não deveria definir a nossa missão na Igreja? A missão do leigo já não nos foi dada? Afinal há importantes documentos do magistério da Igreja que tratam do assunto, como a *Lumen Gentium* e a *Christifideles Laici*. Não podemos aqui entrar nos detalhes destes documentos, mas como exemplo, a *Lumen Gentium* reforça a importância de ser cristão na vida ordinária:

*“Por vocação própria, compete aos leigos procurar o Reino de Deus tratando das realidades temporais e ordenando-as segundo Deus. [...] São chamados por Deus [...] para a santificação do mundo a partir de dentro, [...] pelo testemunho da própria vida, pela irradiação da sua fé, esperança e caridade. [...] Pois todos os seus trabalhos, orações e empreendimentos apostólicos, a vida conjugal e familiar, o trabalho de cada dia, o descanso do espírito e do corpo, se forem feitos no Espírito, [...] se tornam [...] agradáveis a Deus por Jesus Cristo [...]. E deste modo, os leigos, agindo em toda a parte santamente, como adoradores, consagram a Deus o próprio mundo”.*³⁰

Não soa então como uma grande audácia que os leigos da CVX elejam uma missão em particular? E a situação pode ser complicada ainda mais! Na minha cidade, por exemplo, existe um Conselho Arquidiocesano de Leigos. E esse conselho também define prioridades apostólicas para os leigos da diocese!

Como fica o leigo inaciano, membro da CVX, nessa situação? Estamos agora diante do paradoxo da missão na CVX! Cada membro da nossa comunidade vive essa tensão: de um lado a vida ordinária, com a família, o trabalho, a participação na paróquia; do outro o desejo de colaborar com a missão do corpo da CVX para um bem mais universal.

²⁹ **CARISMA CVX e outros documentos.** São Paulo: Loyola, 2005, n. 102 e 103.

³⁰ LG 31 e 34.

Conviver com esse conflito não é fácil. Em muitos casos gera desgaste, desentendimento e pode machucar muito! Não são poucas as pessoas que já deixaram a comunidade acusando-nos de “não fazer nada”. Em geral estas foram pessoas que eliminaram a tensão, caindo em ativismo e colocando em seu horizonte apenas o lado institucional da CVX, com suas linhas gerais de atuação. O outro extremo também é verdade. Muitos governantes da CVX deixam seus mandatos desgastados, pois se esforçam em articular a comunidade e encontram a resistência de pessoas que têm seu horizonte restrito apenas ao aspecto da missão na vida ordinária. E, finalmente, há aqueles que deixam a comunidade porque se sentem diminuídos e cobrados diante de membros engajados em projetos e organizações: não conseguem enxergar a vida ordinária como missão.

Como resolver esse conflito? Já sabemos que tentar simplificar a questão e simplesmente escolher um dos lados é destruir o essencial do carisma inaciano. Não podemos aniquilar um extremo! A lógica do carisma inaciano não é uma coisa ou outra, mas uma coisa e a outra. Essa tensão, nascida da oração e colocada em oração, é o motor da missão na nossa comunidade. Então como nasce e se desenvolve a missão da CVX a partir deste paradoxo?

3.1. Um *iceberg* chamado missão comum

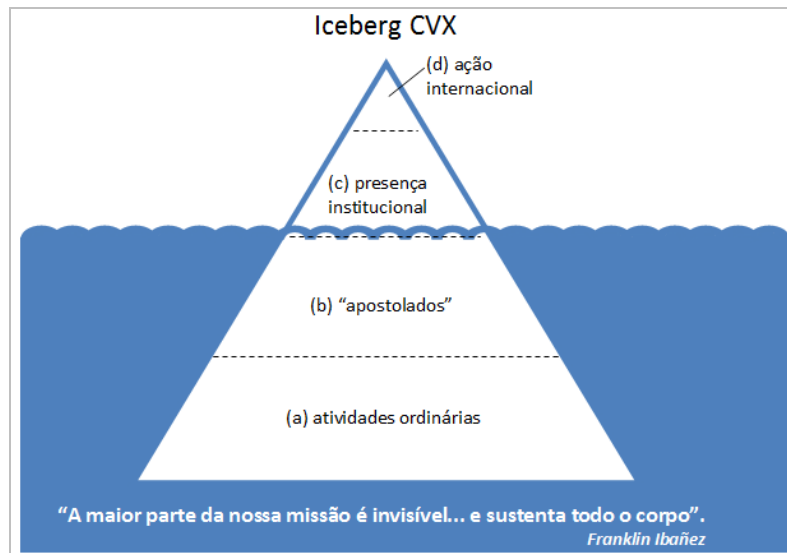
A chave para entender a missão da CVX é aquela que é comum a todo cristão: a missão nunca é nossa. Assim como a missão não era de Jesus, mas do Pai que o enviou, a missão de um membro da CVX nunca é sua, mas da comunidade que o envia.

Se um membro da CVX fecha-se em si mesmo, prescindindo da comunidade, é aí que o campo para eliminar as tensões está armado. Isolar-se no ponto de vista individual é fatalmente pender para um lado da balança. E quando perdemos a visão do todo, fica fácil achar que tudo é impossível e que nada vai dar certo. Afinal o momento de vida é decisivo do ponto de vista individual: um membro que acaba de ter um filho; ou um membro que tem um trabalho muito desgastante em longas jornadas; ou que está em fase final de estudos universitários. São exemplos de situações que podem dificultar muito que este membro dedique parte de seu tempo para algum tipo de atividade apostólica. Essa dificuldade facilmente converte-se em cobrança nociva. A pessoa olha as fronteiras da CVX e se diz “não estou fazendo nada”.

Por isso o olhar sobre a missão requer cuidado. E o primeiro deles é tomar consciência de que a missão é maior do que nossas pessoas individuais e sozinhas. Precisamos nos sentir responsáveis uns pelos outros e entender definitivamente que as atividades de cada membro da comunidade concorrem para a mesma e única missão.

Mas, afinal, como entender essa missão comum? Franklin Ibañez, Secretário Executivo Mundial da CVX, apresentou para a Assembleia no Líbano um modelo bastante esclarecedor: a missão comum como um *iceberg*³¹. Este modelo, no meu entendimento, elimina a aparente contradição entre “encontrar a Deus em todas as coisas” (vida ordinária) e “levar a Deus aos lugares aonde ninguém quer ir” (fronteiras). O modelo vai além, nos mostrando como os níveis de missão interagem e se completam mutuamente. Um é necessário para que o outro exista! Antes de prosseguir vamos entender melhor este modelo.

³¹ IBAÑEZ, Franklin. **Desafíos para la misión CVX ¿Qué puede ser y hacer un cuerpo apostólico en concreto?**



1º Nível: Atividades ordinárias

Neste nível estão as atividades da vida cotidiana. E é nesse nível também que se encontra grande parte da confusão que envolve o tema da missão, afinal muitos ignoram que seu dia-dia deve ser vivido como verdadeira resposta a um chamado de Deus.

O próprio Jesus nos disse: “Eu vim para que tenham vida, e a tenham em abundância”³². Nossa primeira missão é viver em abundância, ou seja, é viver plenamente nossas vidas! E se vive plenamente à maneira de Jesus. Não se trata tanto do que se faz exatamente, mas do como se faz. Nossa primeira missão não é nenhuma atividade paroquial, ou trabalho voluntário, mas sim nos comprometermos em viver nossa vida como bons cristãos. Na prática fazemos o mesmo que qualquer outra pessoa faz. Porém o fazemos de um modo distinto. Em um linguajar iniciano, tratamos de “buscar e encontrar a Deus em todas as coisas”, na simplicidade da vida, seja na rotina do trabalho, no almoço com a família ou levando as crianças para a escola. Encontrar a Deus em tudo e em todos é motivo de grande alegria! Por isso nosso modo de ser é, antes de tudo, um modo alegre e que quer contagiar alegria e esperança. É aí que fazemos a diferença!

Absolutamente toda nossa comunidade tem uma vida cotidiana e está chamada a viver esta dimensão. Portanto devemos estar todos ocupados com esta tarefa. É próprio da nossa espiritualidade praticar o exame de consciência, ou seja, diariamente dedicar uns minutos a reconhecer por onde Deus passou e agradecer sua presença e, igualmente, reconhecer onde erramos e poderíamos ter feito as coisas de uma maneira melhor. Desta forma estamos sempre nos avaliando e procurando glorificar a Deus com nossas vidas.

Contudo, essa missão a que toda nossa comunidade se dedica é invisível. Simplesmente não aparece. Está na base do iceberg, submersa. E, em muitos casos, essa missão invisível é tudo o que podemos fazer. Simplesmente não sobra tempo ou energia para dedicar-se a outras coisas. Temos o direito de exigir das pessoas que se dediquem a “atividades extras”? Ao contrário, devemos antes superar a dificuldade de chamar nossa vida ordinária de missão. Temos como grande desafio “redescobrir e revalorizar as atividades ordinárias como missão fundamental dos leigos. Viver com radicalidade apostólica nossas atividades cotidianas”³³.

³² Jo 10, 10

³³ IBAÑEZ, Franklin. **Desafíos para la misión CVX ¿Qué puede ser y hacer un cuerpo apostólico en concreto?**

2º Nível: Apostolados

Neste nível enquadraremos aquelas atividades que desempenhamos fora do nosso horário de trabalho e que não são remuneradas. Trata-se de dedicar parte do tempo livre para atividades pastorais ou sociais, como a catequese na paróquia ou o voluntariado em alguma ONG.

Mais uma vez nossa diferença não está exatamente no que fazemos. Certamente a grande maioria dos catequistas de paróquias não são membros da CVX, assim como há muitos voluntários de ONGs que sequer crêem em Deus. A diferença é que assumimos esse compromisso porque encontramos a Deus no cotidiano. Essas tarefas mostram nossa solidariedade com o outro, muitas vezes desconhecido. Nossa atividade quer ser profética em um mundo onde a pessoa não tem valor a não ser como consumidora.

Quando e em que circunstância assumir uma tarefa como essa? Sempre que Deus nos chame a isso. Se o membro CVX sente em seu exame diário ou na sua vida de oração que pode dedicar mais de seu tempo e de si mesmo, não há motivo para não fazê-lo. Mas, como já dissemos, isso nem sempre é possível para todos. Mesmo assim grande parte da nossa comunidade tem se esforçado em fazer tudo o que pode. Os últimos levantamentos estatísticos dão conta de que 70% da comunidade mundial desempenha alguma tarefa deste tipo³⁴! E a maioria destes apostolados é em obras que **não** pertencem a CVX, ou seja, não levamos o crédito por esse trabalho. Em outras palavras, a missão da CVX nesse nível também é invisível, ou, na melhor das hipóteses, um pouco visível e, ainda assim, de maneira difusa.

Por isso, em nosso iceberg, este nível também está submerso. Porém seu volume é um pouco menor que o primeiro nível e sua posição está logo abaixo da superfície.

3º Nível: Presença institucional

Neste nível a CVX tem presença apostólica como instituição, ao passo que nos níveis anteriores tinha presença através de membros individuais. No levantamento para a Assembleia do Líbano constam aproximadamente 40 obras, distribuídas em 15 países: colégios, ONGs, centros para migrantes, entre outros. Algumas delas são propriedades da CVX (temos um compromisso legal por elas) e em outras somos os responsáveis pela direção (como exemplo, há casos em que a Companhia de Jesus entregou a direção de suas obras).

Estas obras não esgotam o modo como a CVX pode se expressar institucionalmente. Porém, acredito que neste ensaio podemos limitar nosso olhar sobre elas sem grande prejuízo. Afinal este exemplo já nos mostra que este nível de missão é de grande responsabilidade. Além do dia a dia, ou seja, da própria vida da obra, há preocupações legais, financeiras, com recursos humanos, além de membros da própria comunidade trabalhando formalmente ou como voluntários.

Diferente dos níveis anteriores, este dá visibilidade à missão da CVX. Por isso, em nosso modelo, é a parte do iceberg logo acima da superfície. Porém a mera visibilidade não pode ser a razão de ser de uma obra. O desejo de ter seu trabalho reconhecido não pode ser o motor da missão na CVX. A visibilidade deve ser um meio que usamos quando nos sentimos chamados por Deus a responder mais e melhor em uma determinada direção.

³⁴ IBAÑEZ, Franklin. **Desafíos para la misión CVX ¿Qué puede ser y hacer un cuerpo apostólico en concreto?**

4º Nível: Ação internacional

A missão comum da CVX depende mais do como se vive a missão do que do seu objeto propriamente dito. Contudo a experiência tem nos mostrado que eventualmente precisamos de missões mais concretas ou particulares ou, em outras palavras, precisamos de prioridades apostólicas válidas por um período de tempo. É verdade que tais prioridades tendem a garantir uma maior visibilidade da missão da CVX, mas em especial tendem a garantir mais eficácia apostólica.

Ao definir um objeto da missão se está encarnando o corpo no mundo. Do contrário, “como fazer com que os membros verdadeiramente se sintam parte de uma comunidade mundial? [...] Um corpo se caracteriza por sua ação. Se falamos de corpo ou comunidade, mas nunca fazemos algo realmente comum, corremos o risco de que a expressão ‘comunidade mundial’ seja apenas uma aspiração. Somos um corpo quando atuamos conjuntamente”³⁵.

Este nível está no topo do iceberg. As prioridades inspiram ações concretas em todo o mundo, encarnando universalmente a resposta que a CVX quer dar às questões mais urgentes do mundo de hoje. E como o mundo é dinâmico, estas prioridades também são. Por isso devem ser revistas de modo permanente.

* * *

O modelo do iceberg nos ajuda a entender os distintos níveis da missão da CVX. E, com os níveis agora bem delineados, podemos refletir como interagem entre si para formar uma unidade.

A base de toda a missão CVX está na vida ordinária, e não poderia ser diferente. Afinal o próprio Jesus viveu por 30 anos uma vida comum em Nazaré, e foi convivendo com sua família, trabalhando, indo ao templo, que aprendeu a partilhar das dores e alegrias do povo e a confrontar a realidade vivida com a experiência de Deus que fazia.

“A escola de Jesus era, antes de tudo, a vida em casa, na família, na comunidade. Foi lá que aprendeu a conviver, a rezar e a trabalhar. [...] Via escribas se esforçando para ensinar ao povo as coisas da lei. Via fariseus insistindo na observância da pureza. Via sacerdotes preocupados com as coisas do culto no Templo. E quem estava preocupado com a vida do povo? [...] Era esta a situação que ele experimentava e sofria diariamente. [...] A escola continua aí. As matrículas continuam abertas. E tem vaga!”³⁶

Assim como a missão de Jesus teve suas bases lançadas na vida oculta em Nazaré, é a vida oculta dos membros da CVX que lança as bases de nossa missão. São nos encontros vividos a cada dia e nas interpelações que as mais variadas situações nos provocam que vamos percebendo por onde Deus quer nos levar. Há situações que parecem nos remoer por dentro e nos fazem querer gritar: “isso não é cristão!”, ou “isso está errado!”, ou ainda “isso é injusto!”. Mas há também aquele gesto de solidariedade, um abraço, uma acolhida, que nos comovem e nos chamam a ser pessoas melhores.

Não é de outro lugar, mas precisamente deste jogo de emoções e sentimentos colocados em oração, que nasce o desejo de a pessoa dedicar parte do seu tempo para um apostolado. Por exemplo, é muito comum que a pessoa que faz voluntariado em um hospital já tenha

³⁵ IBAÑEZ, Franklin. **Desafíos para la misión CVX ¿Qué puede ser y hacer un cuerpo apostólico en concreto?**

³⁶ MESTERS, Carlos. **Com Jesus na Contramão**. 15ª ed. São Paulo: Paulinas, 2010, p. 21, 41 e 42.

vivido algum caso de doença grave na família. Ou que o voluntário de um asilo tenha acompanhado o final da vida de um avô ou uma avó.

Por sua vez, quando a CVX se compromete institucionalmente com uma causa, certamente isso não surge do nada. De fato, as obras da CVX em geral nasceram de iniciativas de membros que realizavam algum apostolado. Eram a princípio “respostas particulares”, mas as circunstâncias (como um pedido de ajuda, por exemplo), levaram a comunidade a discernir e a assumir a obra como missão comum.

Essa noção certamente vale também para a ação internacional. Afinal, quando a Assembleia Mundial da CVX elege suas prioridades apostólicas, parte-se daquelas experiências e dos trabalhos que já vão sendo realizados pelas comunidades nacionais. E, finalmente, essas linhas prioritárias, as chamadas fronteiras, são como um elo entre a vida de cada membro e a comunidade mundial. Elas nutrem o primeiro nível da missão, ajudando os membros a perceber que nas suas menores atitudes estão colaborando com a missão do corpo.

Permito-me dar um exemplo simples, quase bobo, mas que pode ajudar a deixar claro o que quero dizer: as experiências vividas por membros CVX em diversas partes do mundo nos levaram a eleger a Ecologia como uma fronteira. Ora, então quando um membro da CVX no seu dia-a-dia faz uma opção simples de abolir o uso de copos descartáveis, então ele está dando uma resposta à missão do corpo. E ele só se dá conta disso porque foi dada visibilidade a fronteira! E isso o faz refletir se poderia fazer algo mais, contribuindo mais efetivamente com a missão comum. Isso, com o tempo, pode levá-lo a dedicar-se a um apostolado, que eventualmente pode tornar-se uma obra, e assim por diante.

Em resumo, os níveis de missão não são como compartimentos fechados e não “disputam” entre si. Eles formam parte de um grande todo articulado. De forma alguma representam uma hierarquia, com os níveis mais “altos” sendo mais importantes. Todos eles são a nossa missão, ainda que de modo distinto! E a virtude do cevequiano não está em equilibrar os níveis de missão. Não se trata meramente de conciliar família com apostolado, ou prioridades da CVX com prioridades da diocese, e assim sucessivamente. A virtude está em viver todas estas dimensões sem distinção, como respostas de uma única missão.

Nesse sentido vale ressaltar a importância do primeiro nível: não podemos permitir que os demais níveis menosprezem e ocultem o valor daquela que é nossa primeira tarefa.

“O corpo inciano leigo da CVX é apostólico, a serviço da missão de Deus. Da mesma forma que com nossa espiritualidade, nosso apostolado deve ser autenticamente leigo. Os membros da CVX podem estar envolvidos em apostolados pessoais, e a CVX como corpo ter presenças institucionais ou comprometer-se dentro de ações internacionais. Mas a base de todos estes níveis de missão é o primeiro chamado de cada membro a viver sua vocação laical inciana na vida cotidiana. Isto significa estar presentes e ser contemplativos na ação dentro do lar, na família, dentro de nossos trabalhos, como parte da sociedade civil, e no marco da vida política e cultural, vivendo um estilo de vida simples. Se não vivemos nossa missão nesse nível, então aquilo que buscamos fazer em outros níveis será ‘uma casa construída sobre a areia’. Se vivermos nossa missão neste nível que representa as bases, então construiremos sobre a rocha.”³⁷

Na unidade da missão comum, não há qualquer oposição entre “encontrar a Deus em todas as coisas” e “levar Deus às fronteiras aonde ninguém quer ir”. Seria uma grande ilusão –

³⁷ XVI Assembleia Mundial da Comunidade de Vida Cristã. **Declaração Final**. Líbano 2013.

e até mesmo uma grande besteira – um membro da CVX pretender revelar a presença de Deus nas fronteiras se sequer fosse capaz de viver esta presença na vida diária. O cotidiano, a atenção a situação do povo, a leitura do sinal dos tempos, é o que nos prepara, ensina e habilita a seguir na direção das fronteiras. E isso ganha muita força quando a definição destas fronteiras para aonde vamos vem da leitura, da experiência vivida e da “união de corações” de cada membro da comunidade mundial. Quando estamos em comunidade, nos parecemos mais com o Deus que é comunidade. Acreditamos que nosso olhar se parece mais com o olhar da Trindade que contempla o mundo quando nos reunimos e discernimos juntos, como comunidade mundial.

Contudo, não nos esqueçamos de sempre “voltar a Jesus”. No primeiro capítulo deste ensaio falávamos, a partir do exemplo da multiplicação dos pães, que não podemos esperar que todos os nossos problemas estejam resolvidos para dar atenção ao outro. Essa tentação se faz muito presente quando assumimos efetivamente nossa vida ordinária como missão. Corresse sempre o risco de evitar novos compromissos porque razões que eram justas convertem-se em falsas desculpas. Os filhos, por exemplo, certamente exigem tempo em quantidade e qualidade dos pais. Por isso um membro da comunidade com filhos pequenos terá como tarefa prioritária a dedicação a eles. Mas, com o passar do tempo e os filhos crescendo, este membro deveria se perguntar se está fazendo tudo o que pode. Aliás, é exatamente essa pergunta que todos nós deveríamos nos fazer periodicamente.

*“Onde for possível ter missões, devemos fazê-las. Cada membro e cada comunidade em seus diversos níveis deve se perguntar e responder com honestidade se nesse momento está fazendo o que pode e o que deve. A pergunta é constante, ou seja, deve ser reavaliada a cada ano ou período. [...] Por isso aqueles que têm função de liderança devem repetir essa pergunta: ‘estamos fazendo o que podemos?’. Insisto, não quero dizer que a missão é opcional, é tarefa que se cumpre. Todos os membros estão chamados a viver radicalmente a missão na vida ordinária. Isso não é opcional, se deve fazer sempre”.*³⁸

Afinal, se os níveis de missão são de fato igualmente importantes, não podemos nos esquecer das fronteiras, pois é lá que o ser humano mais sofre. Somos realmente chamados a viver em profundidade nossa vida ordinária e a reconhecer isso como missão. Mas, com uma força de igual intensidade somos chamados às fronteiras. E a resposta que devemos dar é simultaneamente – e igualmente – pessoal e comunitária: cada membro CVX é chamado a encarnar na sua realidade nossa missão comum. Será que damos conta disso?

3.2. Não importa a que ponto chegamos, importa caminhar juntos!

Comecei este capítulo apresentando a CVX como uma comunidade mundial e procurando mostrar que a razão de ser da nossa estrutura e organização é prestar um serviço mais universal à Igreja, respondendo de modo criativo às demandas do nosso tempo. Após refletir sobre nosso modelo de missão fica a pergunta: afinal de contas somos ou não mais efetivos na nossa vida apostólica agindo dessa forma?

Essa pergunta não é uma novidade dentro da nossa comunidade. Eu pessoalmente já presenciei momentos de decisão em que a comunidade se pergunta: “onde estão os frutos?”. Em outros termos: quando estamos diante de um projeto que exige tempo, dinheiro ou

³⁸ IBAÑEZ, Franklin. **Desafíos para la misión CVX ¿Qué puede ser y hacer un cuerpo apostólico en concreto?**

grande mobilização, não é de se estranhar que alguém pergunte “o que estamos ganhando com isso?”. De fato, é possível que membros não vejam determinada obra como prioritária, mesmo quando a CVX já a assumiu institucionalmente.

Diante disso, como saber se tudo realmente vale à pena? Como confirmar se vamos indo pelo caminho certo e não estamos perdendo tempo com um sonho grande demais para nós? Quando as primeiras comunidades cristãs estavam em dificuldade, os apóstolos costumavam escrever cartas com orientações que mexiam com a vida da comunidade. Pois bem, para responder a esta nossa dificuldade quero partir de um trecho de uma destas cartas, que São Paulo redigiu à comunidade dos Filipenses:

*“Por causa de Cristo, porém, tudo o que eu considerava como lucro, agora considero como perda. E mais ainda: considero tudo uma perda, diante do bem superior que é o conhecimento do meu Senhor Jesus Cristo. Por causa dele perdi tudo, e considero tudo como lixo, a fim de ganhar Cristo, e estar com ele. E isso, não mais mediante uma justiça minha, vinda da Lei, mas com a justiça que vem através da fé em Cristo, aquela justiça que vem de Deus e se apóia sobre a fé. Quero, assim, conhecer a Cristo, o poder da sua ressurreição e a comunhão em seus sofrimentos, para tornar-me semelhante a ele em sua morte, a fim de alcançar, se possível, a ressurreição dos mortos. Não que eu já tenha conquistado o prêmio ou que já tenha chegado à perfeição; apenas continuo correndo para conquistá-lo, porque eu também fui conquistado por Jesus Cristo. Irmãos, não acho que eu já tenha alcançado o prêmio, mas uma coisa eu faço: esqueço-me do que fica para trás e avanço para o que está na frente. Lanço-me em direção à meta, em vista do prêmio do alto, que Deus nos chama a receber em Jesus Cristo. Portanto, todos nós que somos perfeitos devemos ter esse sentimento. E, se em alguma coisa vocês pensam de maneira diferente, Deus os esclarecerá. Entretanto, qualquer que seja o ponto a que chegamos, caminhemos na mesma direção”.*³⁹

São Paulo nos lembra que a razão de ser da nossa missão é Jesus Cristo. Ele é a unidade dos nossos projetos, das nossas atividades, da nossa família, do nosso apostolado. Ele é a cabeça para a qual tudo concorre. Ele é de fato a nossa meta. Portanto a pergunta não é tanto se “estamos sendo efetivos na missão”, mas sim se “estamos de fato seguindo a Jesus”.

Não podemos esquecer que somos sim a espiritualidade de paradoxos, de amigos no Senhor, da maior glória de Deus, mas que somos também – e talvez principalmente – a espiritualidade do **discernimento**. Essa é a nossa grande “arma”. É ele que centra nossas vidas em Jesus Cristo, fazendo das nossas escolhas as escolhas d’Ele. Uma comunidade que discerne, que mantém a escuta atenta e constante ao Pai, essa vai ao encontro do Senhor.

Mas não se engane aquele que pensa que isso elimina as discordâncias e os pontos de conflito na comunidade. Ao contrário: é natural que diante de situações parecidas o discernimento leve as pessoas a tomar posições diferentes. Um professor jesuíta uma vez contou que tanto Santo Inácio quanto São Francisco de Assis tiveram problemas com a vista e correram o risco de ficar cegos, por conta da grande emoção que sentiam nas celebrações eucarísticas, que os levava a chorar muito. Diante do perigo, São Francisco não se importou: acreditava que se Deus enviava as emoções, deveria acolhê-las. Não admitia a hipótese de diminuir a intensidade do seu louvor a Deus ou de privar-se da eucaristia para seu benefício próprio. Já Santo Inácio, quando alertado do risco que corria, imediatamente tomou as medidas necessárias para se conter. Não podia aceitar que suas lágrimas o limitassem na missão e no serviço. Podemos dizer que um foi mais santo que o outro? Podemos dizer que

³⁹ FI 3, 7-16

um “discerniu errado”? Ou que um deles não soube ouvir a voz do Espírito? É evidente que não! Deus fala ao coração de cada homem.

*“Diante da mesma situação humana haverá distintas respostas. Eu tenho que descobrir a minha, aquela que respeita plenamente o que eu sou, com minhas possibilidades e meus limites, aquela que Deus propõe à minha originalidade irrepitível em cada momento preciso. Não se trata de fazer qualquer coisa boa, nem de realizar necessariamente o mais difícil, o mais reconhecido, o mais sacrificado ou o mais esperado. A proposta que Deus tem para mim é o máximo que eu posso realizar, sem querer invadir o terreno de outras pessoas que também devem contribuir com sua própria originalidade. Quando cada uma de nossas ações concretas é uma resposta à proposta do Senhor, então todas nossas ações diferentes confluem no mesmo ponto onde o futuro surge no meio de nós”.*⁴⁰

As divergências na comunidade sempre vão haver. E é o próprio Espírito que as suscita! Devemos dar graças e louvores por elas! É sinal de uma comunidade viva e atenta à escuta do Espírito. É da tensão que nasce nossa missão. E o elo da comunidade do presente com a comunidade do futuro é exatamente a missão. É a missão que faz o futuro surgir no meio de nós! Mas não podemos cair na tentação de querer controlar esse futuro. Nossa missão é uma resposta ao projeto de Deus e, por mais que nos esforcemos, jamais teremos a medida exata desse projeto. Por isso qualquer tentativa de medir nossos esforços em termos de sucesso ou eficiência é auto-engano.

*“O futuro como possibilidade de Deus pressupõe o presente como resposta ao mesmo Deus. [...] Só se fala responsabilmente do futuro se este, de certo modo, já se iniciou e já está sendo atuado. [...] Essa relação [...] não deve levar-nos a pensar que o presente é a medida do futuro. O Reino de Deus futuro não será todo e totalmente medido pelo sucesso do homem. [...] Antes de mais, não se pode esquecer que o presente construído pelo homem, ele não o faz sem Deus”.*⁴¹

Não esqueçamos que Jesus, humanamente, foi um grande fracasso. Ele morreu sem “cumprir as metas” a que se propôs. Mas, mesmo no fim, quando era evidente que fracassaria, foi fiel ao seu projeto até o fim. Por isso deixemos as palavras de São Paulo ecoar em nossos corações: *tudo que era lucro, agora é perda; lanço-me para frente, em direção à meta!* Não tenhamos medo de gastar nossa vida diante de uma missão que parece grande demais, não nos deixemos intimidar! Não tenhamos medo de sonhar e de nos propor objetivos audaciosos! Afinal, é próprio da espiritualidade inaciana não ocupar-se tanto do resultado final das coisas, mas sim dos passos concretos que foram dados!

Finalmente, guardemos com todo amor as últimas palavras de São Paulo: “qualquer que seja o ponto a que chegamos, caminhemos na mesma direção”. É verdade que a tensão deve ser sempre mantida e que não podemos afrouxar. Mas jamais deixemos que as diferenças rompam a unidade. Não podemos deixar que nossas percepções e desejos pessoais sejam colocados acima do coletivo. Não podemos ser intransigentes! “O que queremos colher no final? O resultado de nossos esforços ou o fruto da ação de Deus?”⁴².

A abertura ao amor e a ação de Deus nos levam por caminhos que não podemos prever. No final de tudo, não sei onde isso vai dar e nem onde vou estar. Mas sei com quem vou estar: estaremos juntos!

⁴⁰ BUELTA, Benjamín González Buelta. **Tiempo de Crear** – Polaridades evangélicas. 2009, p. 190.

⁴¹ LIBÂNIO, João Batista e BINGEMER, Maria Clara. **Escatologia Cristã**. Petrópolis: Vozes, 1985, p. 140.

⁴² PAGOLA, José Antonio. **O caminho aberto por Jesus**. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 154.

CONCLUSÃO – SINAL DE CONTRADIÇÃO: É MINHA MISSÃO!

Ao longo deste ensaio pude refletir sobre algumas questões que a primeira vista parecem contraditórias na vida de um cristão, especialmente do leigo inaciano membro da CVX. Buscando a razão de ser dessas contradições encontrei mais que explicações ou meras justificativas. Encontrei o paradoxo na raiz do ser cristão, na pessoa mesma de Jesus Cristo.

E se isso está mesmo correto, a CVX não tem outra forma de ser fiel ao seu carisma e à sua missão que viver este paradoxo, que afinal é o mesmo paradoxo do Evangelho, o paradoxo do Jesus Filho de Deus e de Maria, o paradoxo do crucificado e ressuscitado. Mais do que isso, somos chamados a manter vivo este paradoxo! Somos chamados a ser sinal de contradição!

E ser sinal de contradição em um mundo onde se valoriza tanto a imagem e as aparências, ser sinal de contradição em um mundo que se preocupa tanto com os resultados e com a eficácia, começa exatamente por se dedicar ao simples e ao ordinário. Viver a vida comum hoje como missão é profético! Trata-se de mostrar que a vida cristã não pode ser reduzida a palavras ou gestos pontuais de solidariedade. Não se pode ser cristão só quando for conveniente ou quando a situação for favorável, mas sim sempre, deixando-se conduzir a todo instante por Deus.

*“Se trata de **ser**, de uma intensa transformação interior que não reduz a missão profética a uma tarefa, a uma profissão. [...] As pessoas sabem distinguir se nós fazemos apenas um discurso ou se somos realmente profecia de Deus; se somos luz a partir de dentro, a partir do nosso interior iluminado, ou se apenas levamos frágeis luzes nas mãos; se somos aliança, sal, fermento, pequena novidade, sabor já presente do futuro de Deus neste mundo [...], ou se só somos donos de um supermercado onde vendemos velas e sabores artificiais”.*⁴³

Mas ser sinal de contradição pode ser mais! Nossa própria espiritualidade nos convoca a isso. E como membros da CVX isso certamente passa por um projeto de vida comunitário. Enquanto o mundo é cada vez mais individualista, somos proféticos quando abraçamos a missão comum. Se não for dessa forma, então aquilo que fazemos não passa de atividades: de pai, no trabalho, na paróquia, na CVX... Agora isso tudo ganha um sabor diferente quando vivido como resposta de uma missão que é única e universal.

E esse “sabor diferente” certamente está ligado ao fato de conseguirmos manter unidas as aparentes contradições. E essa nossa “capacidade” faz com que não possamos pensar em ser cristãos hoje fugindo das questões difíceis e polêmicas. Somos chamados a voltar sempre ao paradoxo: se vivemos uma vida muito tranqüila, sem qualquer conflito, é de se perguntar se estamos sendo de fato cristãos.

Assim, somos chamados a levar este “sabor diferente” para situações que parecem insustentáveis. O mundo de hoje tem muita dificuldade em lidar com determinadas tensões, como entre fé e justiça ou entre fé e política. Tende-se sempre a separar estas dimensões, mantendo-as apartadas. Não é difícil encontrar trabalhos no campo da fé que simplesmente ignoram a dimensão social, e de modo semelhante trabalhos no campo social que parecem se esquecer que a justiça brota exatamente da fé. Certamente é missão do inaciano e condição de fidelidade ao seu carisma lembrar ao mundo que estas dimensões todas caminham juntas.

⁴³ BUELTA, Benjamín González Buelta. **Tiempo de Crear** – Polaridades evangélicas. 2009, p. 74.

Aliás, é com este “caminhar junto” que quero encerrar este ensaio. Este deve ser nosso grande gesto profético. É verdade que vamos nos deparar com inúmeras dificuldades ao longo de nossas vidas, principalmente se formos fieis ao propósito de não fugir dos conflitos. Teremos problemas no trabalho, teremos problemas na família, teremos problemas na comunidade. Certamente seremos cobrados por resultados e nossas aparentes contradições serão apontadas com desdém. Mas causaremos espanto e provocaremos reflexão quando no final o mundo puder olhar para nós e exclamar: “eles permaneceram juntos!”.

BIBLIOGRAFIA

Catecismo da Igreja Católica. Acessado pela internet em 29 de outubro de 2013 no endereço http://www.vatican.va/archive/cathechism_po/index_new/prima-pagina-cic_po.html

SANTO INÁCIO DE LOYOLA. **Exercícios espirituais de Santo Inácio.** 7. ed. São Paulo: Loyola. Brasil, 2002.

Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil. **Solidariedade e Paz:** texto-base CF-2005 Ecumênica. 1ª ed. 2005.

PAGOLA, José Antonio. **Jesus** – aproximação histórica. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

PAGOLA, José Antonio. **O caminho aberto por Jesus.** Petrópolis: Vozes, 2012.

CABARRÚS, Carlos Rafael. **La Espiritualidad Ignaciana, es laical** - Apuntes sobre “ignacianidad”. ICE. Guatemala, março de 2000.

CODINA, Víctor. **La paradoja Ignaciana.** Revista Manresa, Vol. 61, 1991. p. 277

BUELTA, Benjamín González Buelta. **Tiempo de Crear** – Polaridades evangélicas. Santander: Sal Terrae, 2009.

O Carisma CVX e outros documentos. Loyola: São Paulo, 2005.

MESTERS, Carlos. **Com Jesus na contramão.** 15.ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

IBAÑEZ, Franklin. **Desafíos para la misión CVX ¿Qué puede ser y hacer un cuerpo apostólico en concreto?**

XVI Assembleia Mundial da Comunidade de Vida Cristã. **Declaração Final.** Líbano 2013.

LIBÂNIO, João Batista e BINGEMER, Maria Clara. **Escatologia Cristã.** Petrópolis: Vozes, 1985.

COMBLIN, José. **Teologia da Missão.** Petrópolis: Vozes, 1980.